

14. A rádio, o som e a infância – o relato de experiências de programas de rádio elaborados por crianças do pré-escolar

Luís Bonixe

A rádio, a educação e a infância

A investigação de Paul Lazarsfeld nos anos 40 representa um dos principais marcos dos estudos sobre a rádio. O autor tentou compreender que papel a rádio enquanto meio de comunicação poderia ter enquanto veículo de formação e educação dos indivíduos. Para Lazarsfeld, a rádio estaria ao nível das invenções que tiveram a capacidade de mudar o mundo. Do mesmo modo que o automóvel e as estradas contribuíram para a mobilidade dos indivíduos, e a proliferação de bibliotecas para o aumento do nível de conhecimento dos americanos, o meio radiofónico trouxe, segundo Paul Lazarsfeld, a capacidade de acabar com o isolamento das pessoas: “Into this scene came the radio to make its contribution to the break down of isolation and to the development of a popular sense of participation in a larger world” (1940:201).

Para Lazarsfeld, a rádio enquanto meio de comunicação só poderia ter uma função educacional se difundisse *programas sérios* e os ouvintes fizessem um *escuta séria* (1940:30). Os programas *sérios* seriam aqueles em que se abordariam assuntos de interesse público, conhecimento geral ou temas educativos. Por *escuta séria*, o autor considerava que os ouvintes deveriam ter uma postura de atenção que os levasse à raiz dos problemas.

Lazarsfeld acabaria por concluir que a rádio não tinha a capacidade que ele julgava ser possível para se afirmar como um meio educacional:

“People who were deprived of educational opportunities in their youth, those who had never acquired too much skill in reading, could now learn just by listening to educational program. But this hope was never realized. Learning from radio required more motivation and more mental training than had been anticipated” (Lazarsfeld & Kendall, 1948:41).

Apesar desta aparente desilusão acerca das capacidades do meio radiofónico para educar os indivíduos, a rádio teve sempre um papel importante neste domínio, quer num sentido mais lato, como se depreende do confessado desejo de Bertold Brecht de ver a rádio como um meio que “deve ter algo a dizer às pessoas” ou num sentido mais restrito, entendido aqui como uma rádio direccionada para a emissão de programas com o propósito de difundir conteúdos educativos, em particular para o público mais jovem.

De facto, os programas infantis começaram por fazer parte da rádio praticamente desde a sua origem. Robert Prot faz referência aos primeiros programas infantis em França em 1927. O primeiro, refere o autor, chamava-se *Grand-Papa Léonet Madame de Surgères*. A rádio francesa emitiu ao longo dos anos ainda um conjunto de programas tão diversos como concursos de música infantil, programas de literatura infantil, divulgação de eventos culturais para crianças, leitura de histórias, etc. O autor assinala que os programas infantis e juvenis na rádio francesa tendem, na sua maior parte, para o divertimento em detrimento da componente educativa (Prot, 1997: 224).

Também Walter Benjamin foi autor de um conjunto de programas infantis, nos anos 30 do século passado emitidos na Südwestdeutscher Rundfunk, de Frankfurt, Alemanha. Esse facto está documentado numa obra que revela a participação de Benjamin na rádio. O autor realizou vários programas nos anos 30 cujos conteúdos incluíam sobretudo histórias infantis. São contos que Benjamin revelou aos ouvintes em “L’Heure de la jeunesse” no qual transporta os ouvintes para o imaginário dos contos de fadas numa combinação entre o teatro e a arte radiofónica (Boudoin, 2014).

Em Portugal, os primeiros programas infantis também foram emitidos nos anos 30 do último século, no caso na Rádio Lusitânia, CT1DE, que emitia meia hora infantil, organizada pela poetisa Laura Chaves (Santos, 2005:277). Outros programas se seguiram como “O Senhor Doutor”, “Tic-Tac”, “Papa-gaio”, “As Lições do Menino Tonecas” (Santos, 2005; Maia, 1999), entre outros.

Tratava-se de programas cujo conteúdo andava em torno da leitura de histórias, poemas, lengalengas. Eram sobretudo programas falados pois só mais tarde incluíram “o primeiro número musical, cantado por uma garota de seis anos, inteligente e azougada: Maria Manuela Extremaduro, que se popularizou com o diminutivo ‘Mimi’” (Maia, 1999: 74-75). Com o aparecimento da televisão e a sua popularização, vários formatos de programas acabaram por



deixar a rádio. Entre esses formatos estão os programas infantis que praticamente deixaram de integrar as programações radiofônicas (Delorme, 2013; Maia, 1999).

Esta é uma realidade sentida também em Portugal onde, nos últimos anos, os programas infantis têm desaparecido da programação radiofônica nacional, incluindo do serviço público de rádio. Se a televisão pode ser apontada como uma das “responsáveis” por esse cenário, na medida em que oferece um vasto leque de programas com os quais a rádio, pelas suas características, não poderá competir (desenhos animados, séries infantis, por exemplo) não é menos verdade que tem faltado aos responsáveis pela programação radiofônica portuguesa alguma imaginação e criatividade no sentido de incorporar programas dirigidos a uma faixa etária inferior aos 10 anos.

A rádio e a educação para os *media*

A criação de rádios escolares é talvez a consequência prática mais comum no contexto da educação para os *media* que o meio radiofônico tem oferecido. Aproveitando, por um lado, a simplicidade técnica que a rádio implica e, por outro, a apetência dos jovens para a escuta de música, têm surgido vários projetos escolares de criação de rádios. A emergência das novas tecnologias de comunicação, em particular da internet, veio tornar essa prática ainda mais comum, pois em termos técnicos é ainda mais fácil criar uma webrádio. Acresce ainda a vantagem de poder tornar a sua escuta universal e não apenas limitada aos muros dos estabelecimentos de ensino, como sucede com as tradicionais rádios escolares.

A rádio oferece várias potencialidades no que diz respeito ao processo de aprendizagem. Segundo um estudo no qual foram inquiridos alunos dos 3º e 4º anos de escolaridade (Pereira & Melro, 2014: 27), a rádio surge a meio da tabela quanto aos meios que os jovens consideram mais importantes para a aprendizagem. A rádio aparece atrás dos livros escolares, do professor, do computador, da internet, dos jornais e da televisão, mas à frente dos filmes, do telemóvel, dos videojogos, do cinema e dos vídeos.

A rádio contribui para a expressão oral, criatividade, sentido estético e capacidade de síntese de mensagens, para além, como é óbvio, de facilitar a



compreensão do processo de comunicação dos *media*, como sustenta Michel Delorme:

From a very young age, radio can introduce children to infinite worlds that are both fun and educational. Providing a place on the airwaves for children's songs, their music and literature will no doubt reach a wider audience. As is the case for adults, radio teaches children what they need to know in order to live within a society. It promotes socialization. Radio for children motivates and arouses curiosity (Delorme, 2014: s/p.)

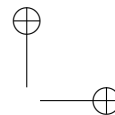
No entanto, a rádio nem sempre aparece como sendo a primeira opção no que toca à educação para os *media*. Na proposta de discussão pública do Referencial de Educação para os *Media* (Pereira *et al.*, 2014) apenas se inclui a rádio no ensino secundário, dando prioridade ao meio televisivo nos primeiros anos de escolaridade. A televisão acaba por ser o meio de comunicação que mais atenção merece no contexto da educação para os *media*, incluindo em crianças em idade pré-escolar. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (1997) não fazem qualquer referência à rádio pois, embora se reconheça no documento a importância da educação para os *media*, as práticas estão focalizadas na televisão e na imprensa.

A rádio no pré-escolar

As experiências que iremos expor de seguida resultam de um objetivo comum: estimular a criatividade através do som em crianças em idade pré-escolar, utilizando para isso a linguagem radiofónica. Nesse sentido, foram realizados dois programas de rádio com crianças de uma sala de jardim de infância de Portalegre.

O programa “O Som, a Rádio e a Infância” foi realizado no contexto da iniciativa Sete Dias com os *Media* (www.literaciamediatca.pt) que decorreu entre os dias 3 e 9 de maio de 2013.

O objetivo do programa foi estimular a aproximação de crianças em idade pré-escolar com a rádio, dando a conhecer a importância do som na nossa vida e, em particular, no quotidiano das crianças. Pretendeu-se ainda promover a rádio enquanto meio de comunicação e contribuir para entender o seu modo



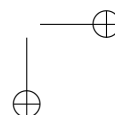
de funcionamento, estimulando o processo criativo das crianças utilizando o som.

O programa foi gravado no estúdio áudio da Escola Superior de Educação de Portalegre, com a colaboração de 26 crianças entre os 3 e os 6 anos de idade da sala B do Jardim de Infância do Atalaião, Portalegre. Tendo em conta que um dos objetivos do programa passava por permitir que as crianças tomassem contacto físico com o meio radiofónico, todos os alunos se deslocaram aos estúdios e aí tiveram oportunidade para conhecer o material necessário para uma emissão de rádio.

As crianças foram divididas em quatro grupos. Cada grupo entrou para o estúdio acompanhado pela educadora da sala, pelo professor de rádio e por um aluno da licenciatura em Jornalismo e Comunicação da Escola Superior de Educação de Portalegre (ESEP). Sempre com os microfones abertos, as crianças foram estimuladas a conversar sobre a rádio: *O que é? O que ouvem? Quando ouvem?* Desta conversa foram retirados excertos, editados e incluídos no programa. Numa segunda fase, as crianças propuseram conteúdos para o programa: cantaram canções da sua escola, descreveram o jardim-de-infância que frequentam, inventaram histórias e sugeriram músicas para incluir no programa. Nesta fase, o papel da educadora foi fundamental, pois permitiu relembrar às crianças as atividades e a rotina do jardim-de-infância para que assim elas as pudessem verbalizar. O conteúdo do programa incluiu ainda uma história inventada em roda na altura em que se procedeu à gravação do programa, uma música cantada por uma das crianças durante a gravação e por iniciativa dela e várias descrições das rotinas do jardim-de-infância. Incluiu ainda músicas de grupos como os Muse ou Queen, selecionadas pelas crianças.

No final da gravação, as vozes das crianças foram reproduzidas, o que motivou reações de espanto e entusiasmo ao identificarem a sua própria voz. A única fase em que as crianças não participaram foi a edição do som no programa do computador utilizado para o efeito, trabalho assumido pelo professor de rádio responsável pela iniciativa e pelos alunos do curso de Jornalismo e Comunicação.

Depois de concluído e disponibilizado *online*, o programa foi escutado quer em contexto familiar, quer na sala de jardim-de-infância. Da escuta conjunta realizada em contexto de sala, as crianças verbalizaram vários comentários que transcrevemos:



“Eu ouvi com o meu mano, o meu pai e a minha mãe. Divertimo-nos muito e rimo-nos com as coisas que dissemos na rádio” (Dinis)

“Eu já ouvi o programa no telemóvel da minha mãe, rimo-nos e o meu mano disse que era eu a apresentar os Muse” (Francisco Garagaté)

“A minha mãe chamou-me quando acabei de lavar os dentes depois do almoço e ouvi o programa no meu computador. A minha tia e eu achámos o programa fixe”. (Afonso Santos)

“Os meus pais e a minha mana acharam que foi engraçado. Eu disse ao meu pai que ele era o caçador da história, porque ele é caçador e quando a história acabou o meu pai fez de conta que tinha morrido, foi muito divertido” (Duarte).

Em 2014, procedemos à gravação de um outro programa de rádio com um objetivo semelhante ao anterior. O programa foi realizado no âmbito de um projeto designado de Mini.Média e integrado na Unidade Curricular do curso de Jornalismo e Comunicação da ESEP tendo contado com a colaboração de uma turma de pré-escolar do mesmo estabelecimento de ensino de Portalegre.

No estúdio de rádio, divididos por dois grupos, os alunos do pré-escolar fizeram-se acompanhar de duas auxiliares e da educadora de infância. Durante esta visita, os alunos mantiveram contacto com o programa de edição de rádio, os microfones e a mesa de som. No decorrer do programa, as crianças falaram dos seus gostos musicais, do que aprenderam sobre os bichos-da-seda, do dia da cidade e das atividades extracurriculares de cada um. Criaram ainda uma hora do conto e uma história idealizada por eles. No final, cantaram músicas em inglês com o professor da disciplina. Muitos deles sabem que os jornalistas apresentam a meteorologia, por isso também quiseram apresentar “o tempo” previsto para Portalegre.

Os objetivos deste programa de rádio foram dar a conhecer o processo de gravação e de montagem de uma peça áudio, mostrar como funciona um estúdio de rádio e a importância que o som e o silêncio têm neste meio de comunicação.

Em ambos os casos, procurou-se incentivar a criatividade nas crianças através da utilização do som, por essa razão pretendeu-se que fossem as crianças a propor as atividades que fizeram parte do conteúdo dos programas.



Deste modo, as canções cantadas pelas crianças, a inclusão dos temas musicais ou de histórias resultaram, em ambas as experiências, de propostas das crianças e, nalguns casos, surgiram já durante o processo de gravação. Ao contrário do que sucedeu no primeiro programa, na segunda experiência, as crianças já propuseram conteúdos próprios da rádio, como seja um espaço para a informação meteorológica, o que revelou a existência de uma preparação mais direccionada para o meio radiofónico, que não tinha ocorrido no primeiro programa.

Notas finais

Tal como refere Rudolph Arnheim (1936), a rádio estimula a criatividade e a estética. Estas são dimensões muito importantes no processo de crescimento e aprendizagem das crianças e o meio radiofónico pode dar um forte contributo para esses estímulos.

As experiências aqui relatadas permitem-nos concluir que, a propósito das especificidades das crianças em idade pré-escolar como, por exemplo, não saberem ler convencionalmente, a rádio (por ser predominantemente oral) pode ser o meio privilegiado para que alunos destas idades tenham um contacto directo com a linguagem dos *media*, através da sua própria experiência. Ou seja, uma história contada por uma criança em idade pré-escolar necessitará sempre de um adulto para a reproduzir por palavras escritas. A rádio dispensa esse processo, já que a participação da criança é mais directa pois, uma vez aberto o microfone, a criança poderá verbalizar e contar uma determinada história, utilizando a sua imaginação e criatividade. Assim, a verbalização de histórias, de contos ou músicas, actividades que as crianças em idade pré-escolar fazem de forma natural, vai ao encontro do meio radiofónico.

A música, que faz parte do quotidiano destas crianças (temas musicais que ouvem ou que cantam em contexto de sala), é também um conteúdo apropriado a um programa de rádio e, como tal, contribui para olhar para a realização deste tipo de actividades como muito úteis para a formação de cidadãos nas suas dimensões estética e criativa.

Apesar do que descrevemos em relação ao afastamento da rádio profissional do público infantil, a verdade é que a rádio está no quotidiano das crianças, incluindo em idade pré-escolar. Escutar a rádio no carro quando se deslocam

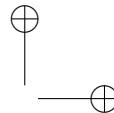
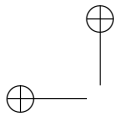


para o jardim-de-infância é ainda uma prática frequente entre as famílias do século XXI. Assim, não se deve descurar a identificação e proximidade das crianças com o meio radiofónico. Por esta via, a rádio deve ser vista como um excelente incentivo para a aprendizagem e conhecimento do mundo e da linguagem dos *media*, mesmo em idade pré-escolar.

Agradecimentos: As experiências relatadas foram realizadas com a colaboração dos alunos do curso de Jornalismo e Comunicação da Escola Superior de Educação de Portalegre. O programa “O Som, a Rádio e a Infância” foi realizado pelos seguintes alunos: Ana Catarina Silva, Carina Coelho, Daniela Senra, Francisca Cabedo e Tiago Silva. O programa Mini.Média foi realizado pelas alunas Ana Grenhas, Ana Machado, Daniela Laranjo e Joana Santos. Ambos os programas foram orientados pelo autor do presente artigo e contaram com a colaboração da educadora Ana Borges do Agrupamento de Escolas do Atalaião, Portalegre.

Referências

- Arnheim, R. (1936/1986). *Radio*. New Hampshire: Ayer Company Publishers.
- Boudoin, P. (Org.) (2014). *Walter Benjamin – Ecrits radiophoniques*. Paris: EditionsAllia.
- Brecht, B. (1932/1981). Teoria de la radio. In L. Bassets (Ed.), *De las Ondas Rojas a las Radios Libres* (pp. 48-61). Barcelona: Gustavo Gili.
- Delorme, M. (2014). *Radio for children*. Consultado a 20 de Julho de 2014: www.unesco.org.
- Lazarsfeld, P. (1940). *Radio and the Printed Page*. New York: Duell, Sloam and Pearce.
- Lazarsfeld, P. & Kendal, P. (1948). *Radio listening in America – The people look at radio, again*. New York: Prentice-Hall.
- Maia, M. (1999). *A Telefonía*. Lisboa: Círculo dos Leitores.



Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Consultado a 20 de Julho de 2014: <http://www.dgidc.min-edu.pt>

Pereira, S. & Melro, A. (2014). Acesso e usos do computador Magalhães na escola e em casa: Um estudo no concelho de Braga. In S.G. Silva & S. Pereira (Coord.) *Atas do 2.º Congresso "Literacia, Media e Cidadania"*. Lisboa: Gabinete para os Meios de Comunicação Social.

Pereira, S.; Pinto, M. & Madureira, J. (2014). *Referencial de educação para os media*, Ministério da Ciência e Tecnologia. Consultado a 25 de Julho de 2014: www.dgidc.min-edu.pt.

Prot, R. (1997). *Dictionnaire de la Radio*. Paris: INA.

Santos, R. (2005). *As vozes da rádio 1924-1935*. Lisboa: Caminho.

